

GRANDES  
MULHERES  
DA HISTÓRIA

Tradução de  
Carla Prado

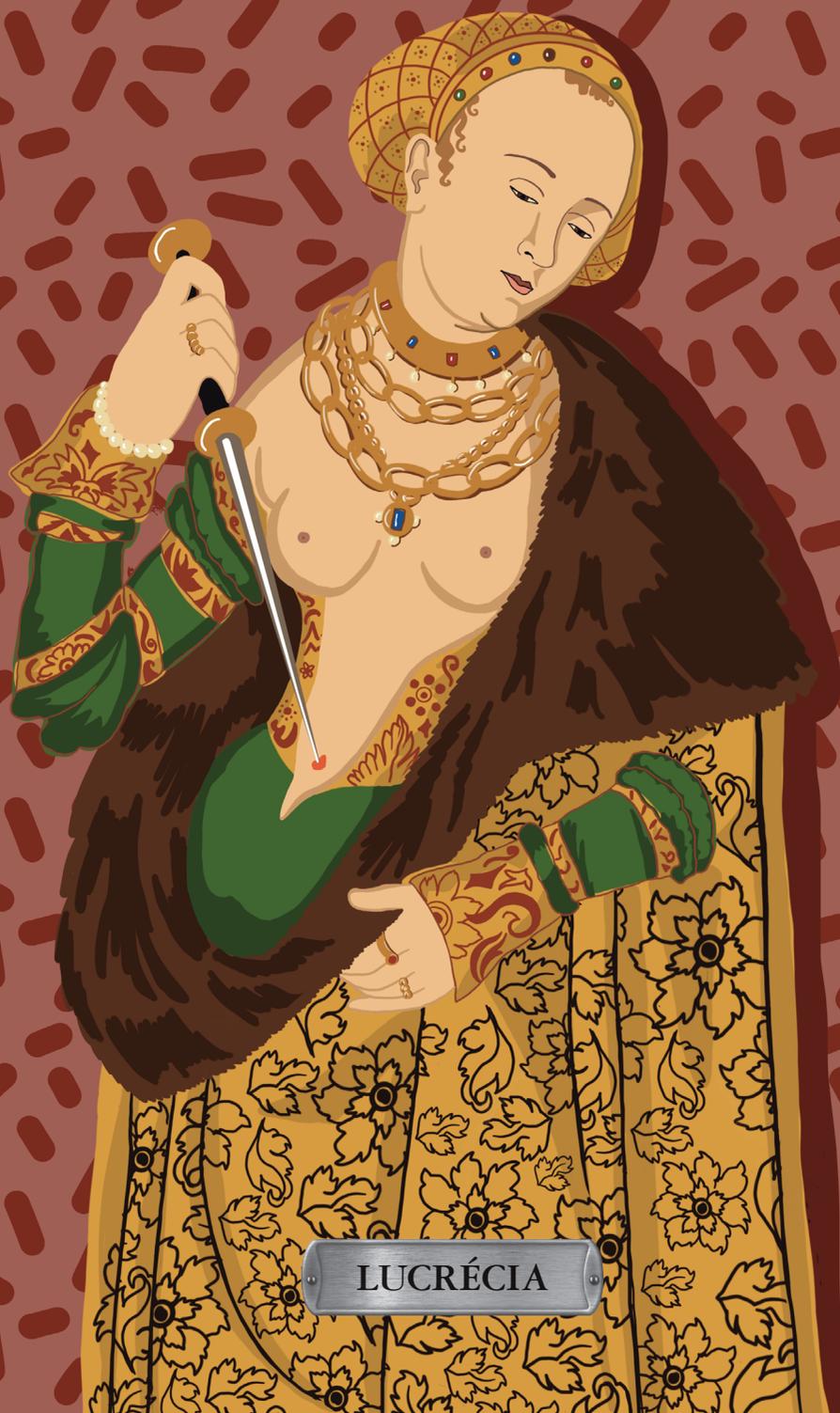
alma  
dos livros

# Índice

PERSONALIDADE	FONTE	
Lucrecia	Pierre Bayle	8
Safo	William Mure	12
Aspásia (Péricles)	George Grote	16
Xantipa	Johann Brucker	21
Aspásia (Ciro)	Pierre Bayle	23
Cornélia, mãe dos Gracos	Plutarco	26
Pórcia	Plutarco	30
Octávia	Pierre Bayle	34
Cleópatra	Herman Merivale	38
Mariana	Herman Merivale	44
Júlia Domna	Edward Gibbon	47
Zenóbia	Edward Gibbon	49
Valéria	Edward Gibbon	54
Eudócia	Edward Gibbon	57
Hipátia de Alexandria	Johann Brucker	61
A esposa de Máximo	Edward Gibbon	65
<i>Lady</i> Rowena	Richard Verstegan	68
Olga de Kiev	Edward Gibbon	70
<i>Lady</i> Elfrida	David Hume	74
A condessa de Trípoli	Jean C. de Sismondi	77
Jane, condessa de Mountfort	David Hume	79
Laura de Sade	Jean C. de Sismondi	82
A condessa de Richmond	Alexander Tytler	86
Elizabeth Woodville	David Hume	90
Joana d'Arc	Thomas De Quincey	92
Jane Shore	David Hume	97
Catarina de Aragão	Alexander Tytler	101
Ana Bolena	Alexander Tytler	105
Margaret Roper	George Ballard	109
Elizabeth Lucas	George Ballard	113
Gaspara Stampa	Henry Hallam	115

Anne Askew	David Hume	119
Rainha Isabel I de Inglaterra	David Hume e Thomas Macaulay	123
<i>Lady</i> Jane Grey	David Hume	129
Tarquínia Molza	Hilarion de Coste	133
Maria Stuart, Rainha da Escócia	William Robertson	135
Gabrielle D'Estrées	Davenport Adams	139
Anne, duquesa de Pembroke	Bispo Edward Rainbow	143
Esther Inglis	George Ballard	145
Margaret, duquesa de Newcastle	George Ballard	149
<i>Lady</i> Pakington	George Ballard	151
Noor Mahal	James Mill	155
Pocahontas	Dr. Hugh Murray	158
Lucy Hutchinson	Francis Jeffrey	162
<i>Lady</i> Fanshawe	Francis Jeffrey	166
Dorothy Osborne	Thomas Macaulay	168
Catherine Phillips	George Ballard	172
Madame de Maintenon	St. Simon	175
Condessa de Grammont	Conde A. Hamilton	179
Mademoiselle de la Vallière	Davenport Adams	182
Madame Dacier	Henry Hallam	186
<i>Lady</i> Masham	George Ballard	188
Anne Killigrew	George Ballard	190
Rainha Ana de Inglaterra	Agnes Strickland	194
Esther Johnson	Francis Jeffrey	198
Esther Vanhomrigh	<i>Sir</i> Walter Scott	202
Mary Astell	George Ballard	205
Madame de Ursins	St. Simon	209
<i>Lady</i> Grizel Jerviswoode	James Anderson	213
Madame de Pontchartrain	St. Simon	217
Elizabeth Halkett	Arthur Conolly	219
<i>Lady</i> Mary Wortley Montagu	Francis Jeffrey	221
Madame du Deffand	Francis Jeffrey	224
Phoebe Bentley	Richard Cumberland	226

Marquesa de Chatelet	Professor Craik	227
<i>Lady</i> Huntingdon	Isaac Taylor	231
Maria Teresa d'Áustria	Thomas Carlyle	235
Meta Moller	Correspondência	239
Elizabeth Blackwell	James Bruce	243
Laetitia Barbauld	Johnstone	247
Hannah More	Professor Craik	249
Anna Seward	<i>Sir</i> Walter Scott	253
Catherine Cockburn	Professor Craik	257
Elizabeth Berkeleigh	Temple Bar	261
Caroline Herschel	Professor Craik	265
Madame D'Arblay	Thomas Macaulay	267
Madame Roland	Thomas Carlyle	271
Maria Antonieta	Thomas Carlyle	275
Sarah Siddons	Peter Cunningham	280
Sra. Grant	Professor Craik	284
Elizabeth Inchbald	Peter Cunningham	287
Elizabeth Hamilton	Professor Craik	289
Condessa de Vimieiro	Jean C. de Sismondi	294
Joanna Baillie	William Spalding	296
Josefina Bonaparte	Archibald Alison	298
Anne Radcliffe	<i>The Edinburgh Review</i>	300
<i>Miss</i> Edgeworth	Francis Jeffrey	304
Charlotte Corday	Thomas Carlyle	308
Madame de Stael	Francis Jeffrey	312
Madame de la Rochejaquelein	Francis Jeffrey	316
Madame Récamier	Davenport Adams	320
Mary Brunton	Dr. Brunton	324
Felicia Hemans	Francis Jeffrey	328
Agustina de Saragoça	Archibald Alison	330
Charlotte Brontë	Elizabeth Gaskell	332



LUCRÉCIA

# LUCRÉCIA

[500 a. C.]

Pierre Bayle

Esta dama da Antiguidade, conhecida pela sua linhagem nobre, beleza e, acima de tudo, pela sua virtude, era casada com um tal Lúcio Tarquínio Colatino (parente de Tarquínio, *o Soberbo*, rei de Roma).<sup>1</sup> Assim começa a sua trágica história: Tarquínio, não tendo conseguido conquistar a cidade de Ardea tão prontamente quanto desejava, decidiu-se pelo cerco à mesma. O processo tornou-se tão moroso e lânguido, que os filhos deste, à falta de progresso militar, decidiram procurar entretenimentos próprios da sua linhagem. Durante um dos banquetes, dado pelo príncipe Sexto Tarquínio em honra dos seus irmãos (e na presença de Colatino, seu parente), foram levantadas algumas questões entre eles que diziam respeito a mulheres; contudo, estas não se prendiam com a beleza das respectivas amantes, como de costume, mas sim com a da esposa de cada um deles. Cada um dos presentes insistia na ideia de que a sua esposa era mais bela do que as dos seus companheiros, até que Lúcio Colatino (ao ver que a disputa entre os homens se acirrava) sugeriu uma forma de resolver a contenda. «De que servem as nossas palavras», argumentou, «se, num curto espaço de tempo, vos

---

<sup>1</sup> Até 509 a. C., Roma era uma monarquia, sendo Tarquínio, *o Soberbo*, o seu último rei. A partir dessa data (e até ao ano 44 a. C.), foi uma república, dirigida por dois cônsules e um senado. A partir de 44 a. C., com a nomeação de Júlio César como ditador perpétuo, e, sobretudo, depois de 27 a. C., com os poderes extraordinários concedidos a Octaviano (a partir daí conhecido como Augusto), começou o império tal como o conhecemos. No Oriente, este império só viria a cair no século xv (cerca de 1000 anos mais tarde do que na sua componente ocidental) após a queda de Constantino XII, em Constantinopla, atual Istambul (476 d. C.).

posso provar a superioridade da minha Lucrecia? Proponho que tomemos as rédeas das nossas montadas e façamos uma surpresa às nossas esposas. Quanto menos preparadas elas estiverem para nos receber, mais fácil será a nossa decisão». Inebriados pela bebida, os príncipes aceitaram a proposta, pelo que todos se puseram a caminho de Roma, a todo o galope. Aí, encontraram, ainda sentadas à mesa, as noras de Tarquínio, entre tidas com damas de companhia da mesma idade; em seguida, dirigiram-se a Colácia,<sup>2</sup> onde, apesar da hora tardia, se depararam com Lucrecia a coser, rodeada das suas servas. Todos concordaram que a sua beleza ultrapassava em muito a das suas concorrentes, pelo que regressaram ao acampamento nos arredores de Ardea. Contudo, o príncipe Tarquínio Sexto, sem alertar os outros para as suas verdadeiras intenções, arranjou uma forma de regressar a Colácia. Foi recebido por Lucrecia com a formalidade e a cordialidade que eram devidas ao filho mais velho do rei, sem suspeitar de quaisquer propósitos maldosos ou indignos da parte dele.

Depois da ceia, Tarquínio Sexto foi encaminhado ao quarto que lhe fora atribuído para passar a noite. Contudo, o príncipe tinha outras intenções. Depois de todos se terem retirado para os respetivos aposentos, Tarquínio irrompeu nos aposentos de Lucrecia, de espada em punho. Sob ameaça de morte caso fizesse barulho, ela ouviu a confissão da paixão desenfreada do príncipe, por entre as palavras mais ternas e as mais terríveis ameaças. Usando de todas as artimanhas retóricas ao seu alcance, como um homem cego de paixão, Tarquínio tentou seduzir Lucrecia; esta, no entanto, manteve-se firme, não se deixando intimidar pelas ameaças de morte. Apenas uma ameaça a fez fraquejar: a da exposição e infâmia pública devido à suspeita de adultério. Tarquínio tinha tudo planeado: se Lucrecia não lhe fizesse a vontade, matá-la-ia; em seguida, mataria um dos escravos e colocaria o cadáver junto ao dela na mesma cama. Ninguém suspeitaria dele, uma vez que a justificação para o duplo homicídio estaria no adultério entre o escravo

<sup>2</sup> Cidade (agora inexistente) a 15 quilómetros de Roma. Lúcio Tarquínio era conhecido como Colatino, pelo facto de a sua família ter origens nesta cidade. (NT)

e a dona da casa, apanhados em flagrante. Tendo, por meio desta ameaça, conseguido o que queria junto de Lucrecia, o príncipe retirou-se, satisfeito e tão orgulhoso de si mesmo como se tivesse alcançado um feito militar ou como se aquele tivesse sido um ato galante ou consentido.

Mergulhada no mais profundo desespero, Lucrecia enviou uma mensagem ao seu pai (que estava em Roma), bem como ao seu marido (que se encontrava no cerco a Ardea), com a esperança de que eles viessem ao seu encontro o mais rapidamente possível. Ambos obedeceram à sua chamada, sendo que ela os informou imediatamente das circunstâncias que haviam conduzido à sua desonra, pedindo-lhes vingança em seu nome. Ambos prometeram fazê-lo, servindo-se de todos os meios ao seu dispor, enquanto a tentavam consolar. Não obstante, Lucrecia resistiu a todos os esforços de conforto e, agarrando um punhal que, até então, estivera escondido nas suas vestes, cravou-o no próprio coração. Bruto,<sup>3</sup> que presenciou toda esta cena, usou-a como mais um motivo para acabar com a tirania dos Tarquínios sobre o território romano. A história de Lucrecia foi, assim, útil para abolir a monarquia em Roma.

---

<sup>3</sup> Não confundir com Marco Júnio Bruto (85-42 a. C.), executor de Júlio César, embora o nome sugira parentesco (os Brutos pertenciam à antiga aristocracia romana, os chamados «patrícios»). (NT)

# SAFO

[568 a. C.]

William Mure

De acordo com as informações disponíveis, o pico da carreira de Safo pode ser situado na primeira metade do século VI a. C., enquanto a sua infância e a sua juventude se desenrolaram no fim do século VII (também antes de Cristo).<sup>4</sup> De acordo com as fontes mais confiáveis, era originária de Mitilene, capital da ilha de Lesbos, na Grécia, enquanto outros a descrevem como sendo natural da cidade vizinha de Eresus. Duvida-se de que alguma vez tenha sido casada, embora todas as evidências apontem para uma resposta negativa a essa questão. Safo é descrita por Horácio<sup>5</sup> como «a donzela de Lesbos»;<sup>6</sup> embora não existam quaisquer registos que falem de um eventual marido, há, contudo, uma especulação nesse sentido baseada numa única fonte (muito questionável). Tendo, porém, em conta a indecência etimológica atribuída quer ao nome do suposto indivíduo, quer ao seu lugar de nascimento, tais escritos podem ser considerados mera ficção. Muito se especula sobre a possibilidade de, ao ter tido uma filha, tal signifique que Safo tenha sido casada, mas essa questão dependeria da conduta moral da própria. A existência da filha (de seu nome Cleis, tal como a sua avó) é, todavia, documentada por autoridades respeitáveis.

---

<sup>4</sup> Não esquecer que, quando falamos em datas antes de Cristo (a. C.), os séculos se contam de forma regressiva (os mais recentes são os que mais se aproximam do «ano zero» do nascimento de Cristo). (NT)

<sup>5</sup> Um dos mais famosos poetas e filósofos da Roma Antiga, conhecido pelas suas odes e sátiras (85-8 a. C.). (NT)

<sup>6</sup> «*The lesbian maiden*», no original. É daqui que vem o termo «lésbica», tendo sido Safo uma das maiores poetisas sobre feminilidade e erotismo feminino. (NT)

Safo era descrita (pelos únicos autores que se debruçaram sobre esse aspeto) como não sendo alguém que se destacasse especialmente pela sua beleza, sendo uma mulher de baixa estatura e tez escura (que também pode ser descrita como «trigueira»). Esta descrição não faz com que o termo laudatório habitual na Grécia Antiga (*kalè*), que vários autores – entre os quais Platão – associavam à figura de Safo, fosse inapropriado, uma vez que era usado tanto em mulheres de beleza excecional, como nas que apresentavam uma fisionomia comum. O poeta grego Alceu<sup>7</sup> descreve, simplesmente, o seu «cabelo escuro» e «doce sorriso», não fornecendo mais detalhes sobre a sua beleza (o que, à falta de mais documentos, nos leva a acreditar que esta não era verdadeiramente excecional).

Quanto às inclinações afetivas da autora – que moldaram, de uma forma ou outra, o conjunto da sua obra –, existem provas suficientes disso na única composição lírica que chegou inteira aos dias de hoje, sobretudo na primeira ode que faz parte das coleções de poemas já publicados. Nela, Safo descreve-se, de uma forma comovente e apaixonada, como vítima de um amor não correspondido, implorando a Vénus que apazigue a sua dor ao derreter o coração do inconstante objeto da sua afeição. Acredita-se, segundo fontes tradicionais, que esta ode seja dedicada a Phaon, jovem conterrâneo da ilha de Lesbos que, segundo a crença popular, foi a paixão mais longa e ardente de Safo. Conhecido pelos seus atributos físicos e charme irresistível junto das mulheres, Phaon correspondeu aos afetos de Safo, tendo ambos vivido juntos durante algum tempo; contudo, ao fim de alguns anos, ela foi abandonada pelo seu amado, caindo no mais profundo desespero. Nessa altura, a única solução que lhe parecia adequada a tamanho desgosto seria lançar-se do cume de uma falésia para as águas do mar Jónico. A veracidade do suicídio da autora parece ser suportada quer pela opinião popular desde a época de Menandro,<sup>8</sup> quer por autoridades mais competentes nos séculos que se seguiram.

<sup>7</sup> Conterrâneo e contemporâneo de Safo (620-580 a. C.), sendo um dos poucos cuja obra sobreviveu até aos dias de hoje. (NT)

<sup>8</sup> Um dos mais famosos autores de peças cómicas da Antiguidade (342-291 a. C.). Alguns fragmentos da sua obra foram redescobertos apenas no século xx. (NT)

Estas duas questões da vida pessoal da poetisa (o seu relacionamento com Phaon e, conseqüentemente, a sua morte por suicídio)<sup>9</sup> têm sido alvo de críticas mais ou menos plausíveis por parte de fontes mais recentes. A existência do jovem Phaon foi totalmente desmentida e, quanto à mítica causa de morte da autora, existem ainda menos bases sólidas, o que nos leva a encarar as fontes da época com ainda mais ceticismo.

De acordo com o retrato pintado quer pela sua obra, quer pelos seus conterrâneos, Safo afigura-se como uma mulher generosa, afetuosa e de espírito independente (a não ser quando era assolada por alguma das suas paixões). Com o seu temperamento naturalmente fervoroso e emotivo, desde cedo foi habituada aos prazeres (ainda mais do que às obrigações e, muito menos, às proibições) do universo feminino da Grécia Antiga. A sua maior ocupação, desde muito jovem, era o exercício do seu brilhante talento para a poesia, através do qual obteve feitos notáveis; quanto à sua luxúria, esta é testemunhada em todos os fragmentos que nos chegaram da sua obra. A sua suscetibilidade para com as relações amorosas constitui, acima de tudo, o traço marcante da sua vida, do seu caráter e da sua inspiração artística. A sua entrega à poesia, e a quaisquer outros apetites (sensuais ou intelectuais), sem olhar a qualquer tipo de restrição moral, foi marcada pelo seu próprio gosto refinado e peculiar, e não por motivos de excessos ou de libertinagem.

Na imagem de Safo que é habitualmente apresentada ao público nos dias de hoje, todas as características menos lisonjeiras (aqui supracitadas) da sua personalidade se desvanecem. Em vez disso, a sua figura é elevada aos píncaros de beleza e brilhantismo, constituindo um modelo de perfeição física e moral nunca visto entre as mulheres da sua época, sendo a poetisa associada a Vénus e às musas, naquele que é considerado um dos locais mais sensuais de toda a Grécia. O que se segue é uma descrição das suas variadas qualidades, de acordo com um dos maiores disseminadores desta amigável (porém, falaciosa) visão de excelência entre os seus pares: «Safo

<sup>9</sup> Para a época, era comum este tipo de salto, uma vez que muitos eram condenados a saltar destas falésias. (NT)

possuía uma combinação de afetuosa e profunda sensibilidade, aliada a uma pureza virginal, suavidade feminina e delicadeza de sentimentos, temperada com uma simplicidade própria do seu caráter. Embora fosse especialmente dotada no que diz respeito à percepção da beleza e da excelência artística, preferia levar uma conduta genuinamente pautada pela retidão, acima de qualquer outro divertimento».